



CD 110
23244
R. 152

Wilson Batista

Coleção
Musical **Itaú**
cultural

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

ACERVO FUNARTE
DA MÚSICA BRASILEIRA

Presidente da República Federativa do Brasil Fernando Henrique Cardoso
Ministro de Estado da Cultura Francisco Corrêa Weffort
Secretário de Apoio à Cultura do Ministério da Cultura José Álvaro Moisés
Presidente da Fundação Nacional de Arte (Funarte) Márcio Souza
Diretor do Departamento de Ação Cultural da Funarte Gilberto Vilar de Carvalho
Coordenadora de Música da Funarte Valéria Ribeiro Peixoto
Presidente da Associação de Amigos da Funarte Arnaldo Niskier

ESTE CD É UMA REPRODUÇÃO DOS DISCOS DE VINIL E TRAZ NO ENCARTE OS TEXTOS CRÍTICOS E/OU INFORMATIVOS ORIGINAIS. PARA SEU LANÇAMENTO HOUVE MINUCIOSO PROCESSO DE RECUPERAÇÃO E REMASTERIZAÇÃO DIGITAL GRACIAS AO EMPENHO DA CIA DE AUDIO. EVENTUAIS ALTERAÇÕES NA QUALIDADE DO SOM SÃO INERENTES AO EQUIPAMENTO E ÀS TÉCNICAS DE GRAVAÇÃO DA ÉPOCA.

ATRAÇÃO FONOGRÁFICA

Direção Artística *Wilson Souto Jr.*
Gerente de Produto *Edson Natale*
Masterização *Cia de Audio*
Projeto Gráfico *Click Design Gráfico*
Direção de Arte *Luiz Cordeiro*
Arte Final *Caio Mariano*
Charge *Emílio Damiani*

Escreva para Atracção Fonográfica Ltda. e solicite informações a respeito do nosso catálogo: Av. São Gualter, 1941 - São Paulo - SP - CEP: 05455-002
Tel.: (011) 813-6944 / Fax: (011) 212-9707
Internet: www.atracaao.com.br / E-mail: atracao@atracao.com.br



Wilson Batista

PROJETO ALMIRANTE

O Projeto Almirante, nome com que se presta homenagem à memória do grande radialista, cantor e compositor Henrique Foréis Domingues, vem complementar a série de ações que a Funarte, dentro do espírito do documento da ex-Secretaria da Cultura *Diretrizes para operacionalização da política cultural do MEC*, está desenvolvendo no sentido de promover, divulgar, apoiar e preservar as manifestações culturais do povo brasileiro no domínio da música.

O Projeto Lúcio Rangel de Monografias tem propiciado o registro bibliográfico e o levantamento de todo um repertório ainda inédito em disco ou em partituras de compositores que cobrem riquíssima diversidade de estilos e formas musicais.

O Projeto Pixinguinha tem acionado uma enorme massa de intérpretes, levando-os a todos os recantos do Brasil numa tentativa de formação de platéias e mobilização cultural das comunidades.

O Projeto Ary Barroso divulga nossa música popular fora do país, em convênio celebrado com o Ministério das Relações Exteriores.

O Projeto Airton Barbosa promove a edição de partituras inéditas levantadas nas pesquisas do Projeto Lúcio Rangel de Monografias ou pertencentes a acervos públicos ou particulares mas sem interesse comercial para as editoras, bem como arranjos executados em discos do Projeto Almirante.

O Projeto que engloba na área da música popular as atividades das salas Funarte Sidney Miller/RJ, Guimar Novaes/SP, Brasília/DF absorve um tipo de produção que raramente ou nunca tem acolhida na programação convencional das salas de espetáculos.

Com o Projeto Almirante, amplia-se esse ciclo harmonioso, que objetiva atender ao escoamento de uma produção artística que dificilmente seria absorvida pelo circuito discográfico comercial, pelos aspectos menos convencionais de sua proposta. O projeto pretende documentar não só essa produção como também editar e fazer difundir aquele tipo de bem cultural que jamais chegou ao disco, ou que nele teve vida efêmera, objetivando dessa forma reeditar títulos essenciais ao entendimento de nosso processo de criação. Pretende ainda, à feição do Projeto Airton Barbosa, recuperar acervos de música popular confinados em arquivos de particulares, resgatando-os para o domínio público, e fixar em disco os resíduos decorrentes da própria ação da Funarte, na sua qualidade de produtora de bens culturais.

Propõe-se o Projeto Almirante abranger, em sua coleção de títulos no âmbito da música popular, a criatividade nacional na extensa multiplicidade de suas formas.

UMA VIDA BOÊMIA

Wilson Batista nasceu em Campos, Rio de Janeiro, em 3 de julho de 1913. Filho de família humilde - o pai era guarda municipal -, viveu a infância pescando, assistindo brigas de galo e tocando triângulo na bandinha dirigida por seu tio Ovídio Baptista. Na adolescência cursou marcenaria no Instituto de Artes e Ofícios e integrou o Bando Corbeille de Flores, para o qual criou suas primeiras composições. Aos 15 anos mudou-se com a família para o Rio de Janeiro, onde começou a trabalhar como acendedor de lampiões.

Logo passou a freqüentar as rodas boêmias da Lapa e da Praça Tiradentes, pontos de encontro de artistas e marginais. Influenciado pela convivência com gente de teatro, tentou os ofícios de eletricitista e contra-regra, sem muito empenho, pois o que desejava realmente era iniciar uma carreira de compositor.

Em 1929 teve seu primeiro samba, *Na estrada da vida*, cantado no palco por Araci Cortes, a grande estrela do teatro de revista. Três anos depois, já integrado ao meio musical - chegou a atuar como cantor e ritmista na orquestra de Romeu Malagueta -, conseguiu a primeira gravação de uma composição de sua autoria, o samba *Por favor vai embora*. A partir de então, passou a compor profissionalmente tendo a oportunidade de trabalhar com parceiros de renome, como Ataulfo Alves, Nássara, Marino Pinto, Haroldo Lobo, Roberto Martins, Antônio Almeida, Orestes Barbosa etc.

Sua produção nos anos de 1930, entretanto, não teria ainda qualidade para elevá-lo ao primeiro escalão da música popular brasileira. Dentre as composições que lançou nesse período, pode-se considerar como a mais importante o samba *Leño no peçoço*, provocador da célebre polêmica musical que sustentou com Noel Rosa.

Em 1940 iniciou sua melhor fase, que se estendeu até meados da década seguinte. É do Carnaval daquele ano seu primeiro grande sucesso, o samba *Oh! Seu Oscar* (com Ataulfo), gravado por Ciro Monteiro, um dos principais intérpretes de sua obra. A esse fértil período, em que chegaria a lançar mais de dez músicas por ano, pertencem outros sucessos notáveis, como *Acertei no milhar* (1940), *O bonde de São Januário*, *Emília*, *Preconceito*, *A mulher que eu gosto* (1941), *Meus vinte anos* (1942), *Louco (Ela é seu mundo)* (1947), *Pedreiro Valdemar* (1949), *Balzaquiana* (1950), *Mundo de zinco* (1952), *Mãe solteira* (1954), etc.

No final dos anos de 1950 a produção de Wilson começou a declinar em qualidade e quantidade. Paralelamente ao ostracismo artístico, sua decadência física processava-se de maneira acelerada. O outrora mulatinho seestroso, protagonista de farras memoráveis, transformava-se aos 50 anos num velho alquebrado, cheio de achaques.

Como agravante da situação, sua única fonte de receita, o direito autoral - ele sempre

relegou a um plano secundário a atividade de cantor, que exerceu em dupla com Erasmo Silva -, tornara-se insuficiente para assegurar-lhe condições mínimas de subsistência. Assim, a conjunção desses fatores iria contribuir para apressar sua morte, que aconteceria num hospital carioca, em 7 de julho de 1968, quatro dias após seu 55º aniversário. Homem de muitos amores, Wilson deixou viúva (D. Marina Baptista) e três filhos, que não herdariam suas qualidades artísticas.

WILSON BATISTA - O SAMBA FOI SUA GLÓRIA

Afora breve período na adolescência em que exerceu a poética profissão de acendedor de lampiões, Wilson Baptista de Oliveira seria pelo resto da vida um compositor popular. Ao longo de quase quarenta anos ele só soube fazer versos e melodias. Pode-se mesmo dizer que anteviu seu maior legado em um verso de *Mundo de zinco*: "o samba foi minha glória". Mas o samba, que lhe ensejaria a glória musical, jamais lhe renderia em termos materiais o correspondente ao valor de sua obra. Wilson viveu sempre às voltas com dificuldades financeiras, situação que procurava amenizar compondo intensamente, mesmo em ocasiões de pouca inspiração. Daí resultou o extenso repertório que ele dividiu com dezenas de parceiros ilustres, como Nássara, Roberto Martins, Ataulfo Alves etc., além de outros, meros aproveitadores, a quem vendia sua arte a preço de liquidação.

Embora semi-analfabeto, incapaz de escrever uma nota musical, Wilson seria um dos mais importantes integrantes da geração de compositores que fixou o samba urbano carioca. Ao contrário, porém, de muitos desses sambistas, ele não restringiu sua produção aos temas românticos, mas enriqueceu-a com canções que o qualificam como um perspicaz cronista de costumes. Assim, ao lado de peças que cantam amores e desenganos (*A mulher que eu gosto*, *Preconceito*, *Meus vinte anos* etc.), alinharia, até em maior quantidade, as que contam tragédias e comédias do cotidiano (*Mãe solteira*, *O bonde de São Januário*, *Acertei no milhar* etc.).

Essas duas tendências marcantes da obra de Wilson estão bem representadas neste CD em que a Divisão de Música Popular do Instituto Nacional de Música da Funarte homenageia sua memória. Ao valor artístico do disco soma-se ainda sua importância documental, na medida em que apresenta o próprio compositor cantando e depondo sobre a sua carreira.

Mundo de zinco (Wilson Batista/Antônio Nássara)

Nássara costuma chamar de "mediúncia" a facilidade com que Wilson pressentia um bom motivo para uma composição musical. E um desses bons motivos seria a imagem *Mundo de*

zinco, que os dois desenvolveriam e transformariam num dos grandes sucessos da parceria. O samba, lançado por Jorge Goulart para o Carnaval de 1952, é hoje um clássico de nosso cancionário.

Meus vinte anos (Wilson Batista/Silvio Caldas)

Neste samba-canção, que descreve o inconformismo do homem diante da velhice, Wilson Batista vive um dos momentos mais altos de sua carreira. Sem exagero, pode-se afirmar que bastariam os versos iniciais para credenciá-lo como um dos grandes letristas da música popular brasileira. Silvio Caldas, co-autor de *Meus vinte anos*, foi também o primeiro a gravá-lo, em fins de 1942. Detalhe curioso: Wilson tinha apenas 29 anos na época em que fez a composição.

E o juiz apitou (Wilson Batista/Antônio Almeida) e *Samba rubro-negro* (Wilson Batista/Jorge de Castro)

Torcedor fanático do Flamengo, Wilson Batista dedicaria ao seu clube preferido diversas canções. Bem representativos desse repertório são os dois sambas aqui regravados.

E o juiz apitou relata o sofrimento de um rubro-negro que, rouco, cansado e queimado do sol da geral, volta para casa depois de ver o Flamengo apanhar do Botafogo. Como complemento da provação, ele ainda terá que aturar no dia seguinte a zombaria de um patrão vascaíno...

Já no *Samba rubro-negro* o torcedor vive a expectativa de uma vitória do Mengo, reforçando seu otimismo com uma prece a São Jorge. Ambas as letras citam jogadores do Flamengo nas épocas dos dois tricampeonatos. Mas o compositor não se limitaria a exaltar os craques de seu time. Apaixonado pelo futebol, cantaria também a glória de outros ídolos, como Mané Garrincha e o Rei Pelé.

E o juiz apitou e *Samba rubro-negro* foram lançados, respectivamente, por Vassourinha, em 1942, e Roberto Silva, em 1955. Tal como acontece em outras composições, o nome de Wilson foi substituído pelo de seu pai, João Baptista, na autoria de *E o juiz apitou*.

Louco (Ela é seu mundo) (Wilson Batista/Henrique de Almeida)

Louco (Ela é seu mundo) tem uma história curiosa: lançado por Araci de Almeida, em janeiro de 1947, não faria maior sucesso: dezoito anos depois, ressuscitado por Valdir Calmon, num daqueles discos "feitos para dançar", cairia no gosto do povo e se tornaria

a composição mais gravada de Wilson. O rol de seus intérpretes é dos mais variados e incluí Carlos Galhardo, Elizeth Cardoso, Ciro Monteiro, João Nogueira, Elza Soares, Noite Ilustrada, Nelson Gonçalves, Alcione e, agora, Joyce. Toda a primeira parte de *Louco* é de Henrique de Almeida, sendo de Wilson letra e música da segunda.

Oh! Seu Oscar (Wilson Batista/Ataulfo Alves), *Emília* (Wilson Batista/Haroldo Lobo) e *A mulher que eu gosto* (Wilson Batista/Cyro de Souza)

A faixa de encerramento do CD revive três sambas de um dos períodos mais férteis de Wilson, o início dos anos de 1940. *Oh! Seu Oscar*, vencedor do concurso de músicas para o Carnaval de 1940, é o seu primeiro grande sucesso. Lembra Roberto Martins que a palavra "Oscar" era muito usada na gíria dos compositores como sinônimo de otário, trouxa, paspalhão. Daí o aproveitamento do nome para batizar o marido enganado, personagem central do samba.

Bem diferente da mulher de "seu Oscar" é a *Emília*, exaltada nos versos desse outro sucesso do compositor. Protótipo da companheira ideal, segundo os padrões machistas da época, ela antecederia em três meses o aparecimento de uma heroína similar, a *Amélia*, de Ataulfo e Mário Lago.

Finalmente, *A mulher que eu gosto* é mais um samba que explora o eterno tema da traição amorosa, dessa vez em dose dupla, pois o sedutor fingia ser amigo da vítima.

Oh! Seu Oscar e *A mulher que eu gosto* foram lançados por Ciro Monteiro (novembro de 1939 e junho de 1941) e *Emília*, por Vassourinha (outubro de 1941).

Muitos compositores cantaram o Rio de Janeiro em suas canções. Poucos, entretanto, conseguiram captar o espírito carioca tão bem como Wilson Batista, repórter sensorial que fez de sua obra um painel vivo da cidade.

Mãe solteira (Wilson Batista/Jorge de Castro)

Inspirado na notícia do suicídio de uma mulher, publicada nos jornais, Wilson criaria *Mãe solteira*, um de seus sambas sociais. A letra conta o drama de "Maria da Penha, porta-bandeira de uma escola de samba" que "ateou fogo às vestes" para não passar a "vergonha de ser mãe solteira". Como de costume, o poeta limitava-se a expor um fato, deixando a solução do problema para a sociedade... *Mãe solteira* é de 1954 e tem gravação original de Roberto Silva.

Wilson Batista no programa *No Tempo de Noel Rosa*

Nas noites de 15 e 22 de junho de 1951 Wilson Batista compareceu aos estúdios da Rádio Tupi do Rio de Janeiro, a fim de participar de programas da série *No tempo de Noel Rosa*, produzida por Almirante. Ali, entrevistado pelo radialista, contaria a história da polêmica que sustentou com o Poeta da Vila. A edição desse depoimento no presente CD - graças à gentileza de D. Ilka Foréis, viúva de Almirante - é de grande importância para a nossa memória cultural. Primeiro, porque esclarece de forma definitiva a legendária polêmica; segundo, porque oferece uma mostra do trabalho de Henrique Foréis, uma das mais competentes e criativas personalidades de nosso rádio. Gravando seus programas e conservando os acetatos, Almirante - patrono do projeto a que pertence este disco - iria possibilitar a continuação, mesmo depois de sua morte, da tarefa a que tanto se dedicou em vida: a preservação e divulgação da música popular brasileira. Ilustram o depoimento canções de Wilson - *Lenço no pescoço* (cantada por Roberto Paiva), *Frankenstein da Vila* (cantada por Deo), *Oh! Seu Oscar*, *Pedreiro Valdemar*, *Balzaquiãna*, *Conversa fiada* e *Terra de cego* (cantadas pelo autor) - e de Noel - *Rapaz folgado* e *Feitiço da vila* (cantadas por Araci de Almeida). Participa, ainda, do programa o violonista Hélio Rosa, irmãos de Noel. Em virtude da precariedade da gravação em acetato, não foi possível corrigir no reprocessamento alguns defeitos do original.

Sambei 24 horas (Wilson Batista/Haroldo Lobo)

Wilson fez em parceria com Haroldo mais de vinte composições. Uma delas é *Sambei 24 horas*, cuja letra explora o tema - muitas vezes usado - da foliã que abandona o companheiro para brincar o Carnaval. A gravação de Araci, aqui reeditada, foi lançada originalmente em dezembro de 1944.

Chico Brito (Wilson Batista/Afonso Teixeira), *Nega Luzia* (Wilson Batista/Jorge de Castro) e *Mulato calado* (Marina Baptista/Benjamin Baptista)

Os tipos pitorescos são uma constante na obra de Wilson. A exemplo dos folcloristas, o compositor iria criá-los na observação de pessoas com quem convivia, fundindo, por certo, em cada personagem características de mais de um modelo. Nessa galeria de retratos musicais figuram, lado a lado com indivíduos bem comportados, alguns transgressores da lei e dos bons costumes. Três desses marginais são cantados em tempo de samba pelo próprio autor, na faixa 3. *Chico Brito* é um "valente do morro" que "fez do baralho seu

maior esporte". Metido a filósofo, "diz sempre, defendendo teses: se o homem nasceu bom e bom não se conservou, a culpa é da sociedade que o transformou...". A propósito da palavra "tese", afirma o pesquisador Luís Fernando Vieira que Wilson gostava muito de usá-la em suas conversas - "Qual é a tese?", perguntava a Orestes Barbosa quando não conseguia entender as dissertações do poeta.

Tal como *Chico Brito*, a *Nega Luzia* também mora e age no morro. Suas façanhas, porém, são bem diferentes das do jogador, podendo ser classificadas como de caráter anarquista, exibicionista... Pelo menos, assim dá a entender a situação descrita na letra da composição: "o silêncio foi quebrado por um grito de socorro, a nega recebeu um 'Nero', queria botar fogo no morro". Mas a incendiária deve gozar da simpatia da comunidade, pois "vai correr lista na vizinhança, pra pagar mais uma fiança...".

A trilogia se completa com o *Mulato calado*, que "já matou um" mas não precisa se preocupar com a polícia porque "em Mangueira não existe delator".

Uma característica da técnica narrativa de Wilson, usada nessas e em outras composições, era focalizar o personagem participando de um quadro vivo, procurando transmitir ao ouvinte uma visualização cinematográfica da cena ("lá vem o Chico Brito descendo o morro nas mãos do Peçanha"/"lá vem a nega Luzia no meio da cavalaria"/"você está vendo aquele mulato calado com um violão do lado").

Os fonogramas apresentados nesta faixa - exceto a gravação de Clementina de Jesus (LP Rosa de Ouro nº 2) - foram reprocessados a partir de uma fita de propriedade de Fernando Faro, que gentilmente permitiu sua utilização no disco. *Chico Brito*, *Nega Luzia* e *Mulato calado* seriam lançados originalmente por Dircinha Batista (1949), Ciro Monteiro (1956) e Araci de Almeida (1947), substituindo-se em *Mulato calado* o nome do autor pelos de Benjamin e Marina Baptista, respectivamente, seu tio e esposa.

Na faixa 4, o produtor e arranjador do disco, Henrique Cazes, convida o sambista Roberto Silva e a cantora Joyce - também violonista e compositora - para revisitar a obra de Wilson Batista. Os intérpretes escolhidos representam duas épocas: Roberto é um contemporâneo do compositor, enquanto Joyce pertence à geração surgida no período pós-bossa nova.

Jairo Severiano
abril 1985

MÚSICOS

Luiz Otávio Braga *violão 7 cordas (faixas 3, 6 e 8)*
Maurício Carrilho *violão (faixas 3, 4, 5, 6 e 8) e tamborim (faixas 4 e 6)*
Paulinho da Viola *violão (faixa 3)*

Henrique Cazes *cavaquinho (faixas 3, 4, 6, 7 e 8) e banjo (faixa 8)*
Beto Cazes *pandeiro (faixas 3, 4 e 6), tamborim (faixas 3, 4, 6, 7 e 8), reco-reco (faixas 3, 6 e 8), repique (faixa 3), surdo (faixas 4, 6 e 8), ganzá (faixas 4 e 7), caixa de feijão (faixa 4) e caixa de fósforos (faixa 6)*
Elton Medeiros *caixa de fósforos (faixa 3)*
Joyce *violão (faixas 4 e 7) e vocal (faixa 4)*
Ronaldo Diamante *contrabaixo elétrico (faixas 4 e 5) e contrabaixo acústico (faixa 7)*
Dazinho *sax-alto (faixas 4 e 6) e flauta (faixas 5 e 6)*
Norato *trombone (faixas 4, 6 e 8)*
Tuti Moreno *bateria (faixas 4 e 7)*
Oscar Bolão *tamborim (faixas 4 e 6), bateria (faixas 5 e 8) e ganzá (faixa 8)*
Marcia Ruiz *vocal (faixa 4)*
Aloisio Didier *piano (faixa 5)*

CORO

Francinete, Verônica Sabino, Márcia Ruiz, Maurício Carrilho, Beto Cazes (faixas 6 e 8), Henrique Cazes (faixa 8)

FICHA TÉCNICA ORIGINAL

Produção fonográfica *Funarte/INM/Divisão de Música Popular*
Produção artística *Henrique Cazes*
Produção executiva *Divisão de Música Popular/INM/Hilton Nobre/Oterino Bilheri/Vera Fernandes/ Marília Lopack/Raimundo Roma/Jorge Nei*
Arranjos *Henrique Cazes e Joyce*
Técnico de gravação *Chocolate*
Estúdio *Hara Internacional* (Rio de Janeiro, Brasil) dezembro de 1984
Equipamento *Allen and Heath*, 16 canais
Mixagem *Estúdio Eldorado* (São Paulo, Brasil, gravador Ampex)
Técnico da mixagem *Gatão*
Transcrição do programa de Almirante *Wilson Medeiros, Estúdio Transamérica* (Rio de Janeiro, Brasil)
Texto *Jairo Severiano*
Fonogramas *Sambei 24 horas* e *Mulato calado* cedidos por EMI-ODEON Ltda.
Agradecimentos especiais a *Marcia Ruiz*, e *Avrton Pisco*
Rio de Janeiro, 1985

O Instituto Itaú Cultural escolheu a recuperação do acervo fonográfico da Funarte como marco de sua atuação na área musical, coerente com o objetivo de contemplar uma das mais ricas vertentes de nossa cultura - a música brasileira - e valorizar a produção cultural pela pesquisa, sistematização e divulgação de suas manifestações nas diversas formas de expressão.

Construído nas décadas de 70 e 80, o acervo é resultado de diferentes séries temáticas de discos originalmente lançados em vinil, abarcando diversas vertentes de nosso universo musical e contemplando tanto a música popular e folclórica quanto a música erudita clássica e contemporânea. É inquestionável a constatação de que, não fora esta ação da Funarte, diversos músicos e composições jamais encontrariam espaço para registro e divulgação.

No início dos anos 90, a falta de diretrizes culturais para o país colocou em risco todo o trabalho anteriormente desenvolvido, levando à perda de boa parte das matrizes das obras produzidas. Graças à parceria estabelecida entre o Instituto Itaú Cultural, a Funarte e a Atração Fonográfica, os discos de vinil coletados entre diferentes colecionadores em diversos pontos do país estão sendo cuidadosamente remasterizados.

Temos, portanto, enorme satisfação em oferecer em compact disc aquele que é, sem dúvida, um dos mais importantes acervos de música brasileira.

- 01 Mundo de zinco Joyce 1:35
(Wilson Batista/Antonio Nássara)
6804116-5 Fermata
- 02 Meus vinte anos Roberto Silva 3:20
(Wilson Batista/Silvio Caldas)
6804124-3 Rio Musical (Fermata)
- 03 A) E o juiz apitou Roberto Silva e Joyce 3:55
(Wilson Batista/Antonio Almeida)
6804132-1 ADDAF/Mangione
B) Samba rubro-negro Roberto Silva e Joyce
(Wilson Batista/Jorge de Castro)
6804929-2 ADDAF (J. Loureiro)
- 04 Louco (Ela é seu mundo) Joyce 3:58
(Wilson Batista/Henrique de Almeida)
6804140-0 Vitale
- 05 A) Oh! Seu Oscar Roberto Silva 3:17
(Wilson Batista/Ataulfo Alves)
6804148-2 ADDAF
B) Emília Roberto Silva
(Wilson Batista/Haroldo Lobo)
6804937-0 Mangione
C) A mulher que eu gosto Roberto Silva
(Wilson Batista/Cyro de Souza)
6804920-0 ADDAF/Vitale
- 06 Mãe solteira Roberto Silva 2:38
(Wilson Batista/Jorge de Castro)
6804156-0 BMG Music Pub. Brasil
- 07 Programa - No Tempo de Noel Rosa 10:3
(Almirante entrevista Wilson Batista)
A) Oh! Seu Oscar Wilson Batista
(Wilson Batista/Ataulfo Alves) 6804148-2 ADDAF
B) Pedreiro Waldemar Wilson Batista
(Wilson Batista/Roberto Martins) 6804904-4 BEM/ADDAF
C) Balzaquiana Wilson Batista
(Wilson Batista/Nássara) 6804912-2 ADDAF/Todamerica
D) Lenço no pescoço Roberto Paiva
(Wilson Batista) 6804928-3 ADDAF/Warner
E) Rapaz folgado Araci de Almeida
(Noel Rosa) 6804936-1 Mangione
F) Feitiço da vila Araci de Almeida
(Noel Rosa/Vadico) 6804881-2 Mangione
G) Conversa fiada Wilson Batista
(Wilson Batista) 6804889-9 ADDAF/Warner
H) Frankenstein da vila Deo
(Wilson Batista) 6804897-3 ADDAF/Warner
I) Terra de cego Wilson Batista
(Wilson Batista) 6804905-3 ADDAF/Warner
- 08 Sambei 24 horas Araci de Almeida 3:00
(Wilson Batista/Haroldo Lobo)
6804163-0 Vitale
- 09 A) Chico Brito Wilson Batista 5:07
(Wilson Batista/Afonso Teixeira)
6804164-9 Fermata
B) Nega Luzia Wilson Batista
(Wilson Batista/Jorge de Castro)
6804913-1 ADDAF/Todamerica
C) Mulato calado Wilson Batista e Clementina de Jesus
(Marina Baptista/Benjamin Baptista)
6804921-0 ADDAF/Todamerica

Coleção Musical **Itaú**
cultural



MINISTÉRIO DA CULTURA

FUNARTE

LEI DE
INCENTIVO
À CULTURA



PRODUZIDO NA
ZONA FRANCA DE
MANAUS
COMERCIAL S.A. BRASIL

COMPACT
DISC
DIGITAL AUDIO

Fabricado pela Microservice - Microfilmmagens e
Reproduções Técnicas da Amazônia Ltda. CGC:
34.525.444/0001-62 - Manaus - sob encomenda de
Atração Fonográfica Ltda. - CGC: 01.252.046/0001-60

